

UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO ENSINO DE LEITURA VEICULADO PELA REVISTA *NOVA ESCOLA* (2010-2012)

*Anabel Medeiros de Azerêdo**

RESUMO

Nesse artigo tem-se como objetivo analisar a atuação da Revista *Nova Escola* no campo educacional. Através da teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau, propõe-se uma reflexão acerca do discurso dirigido ao professor pela revista. Os periódicos educacionais possuem características que os assemelham a outros periódicos que compõem o gênero revista, porém devem permitir o desvelamento do discurso que articula as práticas e as teorias do sistema educacional. A Revista *Nova Escola* parece não se enquadrar no perfil de periódicos educacionais, por isso será analisado o contrato de comunicação midiático que *Nova Escola* instaura com o seu leitor e também serão elucidadas as concepções de leitura da revista nas reportagens analisadas. É utilizada uma abordagem qualitativa, com base em edições que compreendem os anos 2010, 2011 e 2012. A Revista *Nova Escola*, enquanto periódico educacional parece não corresponder à demanda dos professores por formação continuada, por apresentar características que a aproximam da cultura midiática e a afastam do propósito pedagógico esperado pela instância de recepção.

Palavras-chave: Contrato de comunicação midiático; Revista *Nova Escola*; Ensino de leitura.

ABSTRACT

This article aims to analyze the performance of *Nova Escola* magazine in educational field. The following study proposes a semiolinguistic examination of *Nova Escola* speech addressed to teachers. Educational periodicals usually are similar to others magazines; however they permit unveiling discourses that articulate practices and theories of the Educational System. *Nova Escola* does not fit in the profile of educational periodicals, for this reason, the contract of media communication will be analyzed and the magazine's conceptions of reading also will be elucidated. It is a qualitative analyze that embraces editions from 2010 to 2012. *Nova Escola* does not seem correspond teacher's demand for training.

Keywords: Contract of Media Communication; *Nova Escola* Magazine; Reading Teach.

* Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense e professora da rede pública do Estado do Rio de Janeiro.

APRESENTAÇÃO

A Revista *Nova Escola* é um dos periódicos educacionais de circulação nacional mais consumidos por professores da Educação Básica (RAMOS, 2009); há 28 anos a revista vem conquistando espaço em escolas e até mesmo em universidades, servindo como fonte de pesquisa ao aprimoramento da formação docente. No entanto, observa-se que a produção de *Nova Escola* possui características não condizentes ao perfil de outros periódicos educacionais, tanto no formato quanto no conteúdo de suas matérias¹.

Neste artigo propõe-se uma reflexão acerca da atuação da Revista *Nova Escola* enquanto recurso destinado à formação docente para o ensino de leitura, uma vez que a formação continuada e a atualização frequente do professor da Educação Básica são preocupações permanentes dentro e fora da escola, que suscitam ações das esferas pública e privada para garantir a sua existência e eficácia. E o ensino de leitura, por sua vez, constitui-se como um dos objetivos prioritários a serem alcançados ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental, além de ser “uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente” (SILVA, 1992, p.95). Logo, para tal, há de se exigir bastante capacidade do docente.

Back (*apud* GERALDI, 1993), em seu livro *Fracasso do ensino de Português: proposta de solução*, afirma que a democratização do ensino foi uma necessidade e resultou em um grande bem por ter dado condições de acesso à escola a camadas antes marginalizadas. Entretanto, segundo Molina (*op. cit.*), o número acentuado de alunos que passou a ocupar os bancos escolares exigiu uma quantidade maior de professores. Para atender a tal demanda, acelerou-se a formação pedagógica em cursos rápidos e sem embasamento teórico suficiente. A democratização da escola, portanto, apesar de necessária trouxe conseqüências graves para a formação docente.

Segundo Geraldi (*op. cit.*), a formação pedagógica acaba sendo reconhecida como causa da crise escolar pela qual o sistema educacional tem passado, principalmente na rede pública. Como conseqüência, os programas de formação docente partem dessa concepção como pressuposto para um trabalho suplementar, realizado através de cursos de reciclagens, treinamentos e atualizações que ratificam a todo instante a necessidade de formação contínua em prol de um ensino de qualidade.

Sabe-se que a metodologia escolar para o ensino de leitura vem passando por transformações ao longo do tempo devido às abordagens diferenciadas que permeiam o fazer pedagógico, cujo enfoque não se faz necessário a essa pesquisa. Sabe-se também que os movimentos de mudanças em busca de aprimoramento da atuação docente, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes, são transmitidos no próprio espaço escolar público ou privado. Fora da escola, pode-se observar a contribuição da iniciativa privada para a atualização do professorado, como por exemplo, a promoção de materiais didático-pedagógicos produzidos por editoras privadas e a exibição de programas educativos em canais abertos de televisão. Contudo, o veículo de atualização docente mais acessível ao professor está no campo das produções impressas, especificamente: as revistas educacionais.

1 Através da contribuição do artigo *Revistas pedagógicas: qual é a identidade do impresso?* (FRADE, 2011), que estabelece comparações entre as revistas mineiras *Amae educando*, *Dois pontos* e *Presença pedagógica*, pode-se perceber diferenças significativas quanto ao formato e conteúdo de *Nova Escola* em oposição às revistas citadas.

A demanda por formação pedagógica levou à escola uma gama de instrumentos destinados à pesquisa/estudo, tais como livros, jornais e revistas, além do acesso à internet, como o afirma Silveira (2006, p.7):

A busca por respostas e soluções aos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro - problemas esses frequentemente associados à falta de preparo dos professores para trabalhar em sala de aula - abriu espaço para um vasto mercado de publicações destinadas a esses profissionais, que surgiram com o objetivo principal de auxiliá-los em sua prática.

Para Frade (2011), revistas são categorizadas como sendo pertencentes ao campo de produções impressas, conseqüentemente, ao das mídias impressas, devido à sua relação inseparável com o mercado editorial. No caso particular de revistas educacionais, por comporem um veículo que conjuga características de áreas diferentes, como a comunicação e a educação, segundo Frade (2011), também são periódicos sujeitos às leis do mercado. Desse modo, podem tender a sobrepor elementos da cultura midiática às questões pedagógicas, distanciando-se dos objetivos que deveriam ser propostos por impressos dedicados à abordagem de questões mais didático-educativas. Além disso, as revistas educacionais também possuem características próprias de outros tipos de revistas, contudo Beurier (apud Silveira, 2006, p. 7) sobre elas afirma:

destinadas aos professores, visam principalmente guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhes informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina. Essa imprensa [...] representa o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo um conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada.

Do ponto de vista pedagógico, a imprensa pode fornecer à escola a informação de que tanto necessita para a atualização dos professores (FRADE, 2011), entretanto, Charaudeau (2010) adverte que o fenômeno da informação não ocorre sem que haja implicaturas significativas à recepção da mensagem transmitida, uma vez que a informação não existe em si, em uma exterioridade do ser humano.

Além do mais, conforme Charaudeau (2010), as mídias caracterizam-se por duas formas: i) como um organismo especializado, que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia e ii) como empresa inserida em uma economia de tipo liberal, em situação de concorrência com relação a outras empresas com a mesma finalidade.

Portanto, apesar de a imprensa contribuir para o fornecimento de informações necessárias à atualização do profissional de educação, não se pode ignorar o fato de que as mídias encarregadas da veiculação da informação estão marcadas por características de sua própria identidade e função social. Dessa forma, subentende-se que, não sendo possível o apagamento total de posicionamentos históricos, sociais e políticos no processo de transmissão da informação, o que o leitor/ouvinte/espectador da informação recebe é a construção de um acontecimento (cf. CHARAUDEAU, 2010).

Para Frade (2011), a produção no campo educacional caracteriza-se pela abordagem de ideias, conceitos, práticas e questões educacionais que às vezes permanecem em pauta durante anos. É por essa razão, inclusive, que as revistas educacionais podem ser consultadas após algum tempo por professores, pesquisadores (alunos/acadêmicos), diferentemente das revistas de informação em geral, cujo interesse concentra-se no fato que será transformado em notícia. Segundo Nóvoa (2002, p. 11), “os impressos educacionais constituem um corpus documental capaz de apresentar a multiplicidade e a diversidade do campo educativo no seu movimento histórico”. Portanto, devido à finalidade de sua produção, as revistas educacionais possuem características que as diferenciam de outros periódicos, a saber: a linguagem, os gêneros textuais, a diagramação, o design, entre outros.

Ao se observar o formato gráfico Revista *Nova Escola*, percebe-se características que não se assemelham ao perfil de periódicos educacionais: além do design e da diagramação, próprios de revistas de informação geral. Segundo Frade (2011), há diferenças significativas também quanto aos gêneros textuais e à linguagem usados para compor as matérias da referida revista, que possibilitam uma localização e uma leitura tão rápidas quanto as pretendidas pelas revistas de informação. Quanto ao modo de organização do discurso, percebe-se que a enunciação da revista se realiza por meio do comportamento alocutivo, como descrito por Charaudeau (2008) – o sujeito falante implica um interlocutor e lhe impõe um comportamento ou uma reação, estabelecendo-se uma relação de influência, manifestando a posição de superioridade do locutor em relação ao seu interlocutor.

Como a revista é escrita por jornalistas e não por professores, diferentemente de outros periódicos dessa área, as questões referentes à Educação são abordadas por meio de estratégias de captação, tais como a citação frequente de pesquisadores e relatos de experiências de professores e educadores da Educação Básica. De acordo com Charaudeau (2010), esses recursos legitimam a fala e garantem credibilidade junto ao público leitor.

Em relação ao ensino de leitura, observam-se concepções conflitantes sendo abordadas pela revista, algumas vezes, na mesma matéria. Face à importância que o ensino de leitura possui para a inserção social, urge a necessidade de fontes que ofereçam subsídios críveis à pesquisa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa² (1997, p.21) afirmam que

um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Dessa forma, deduz-se que é dever da escola oferecer ao aluno o ensino de leitura e escrita, já que a leitura é ferramenta indispensável em sociedades cuja organização se fundamenta a partir do registro escrito.

A Revista *Nova Escola* parece, ainda, recorrer mais a saberes de crenças que a saberes de conhecimento ao fazer sugestões pedagógicas, reforçando o imaginário do senso comum de que o ato de ler deve se tornar *hábito* ou *hobby*, por exemplo, como pode ser verificado nas edições

2 Doravante, será usada a sigla PCNs para se referir aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

234, 243 e 252. Além disso, a revista sugere que intensificar a quantidade de leitura estimula o gosto pelo ato de ler (edição 234). Para Lajolo (1997, p.107), “espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas nas quais o termo hábito é pertinente”. As orientações dos PCNs (1997, p.33) primam pela valorização do ensino de leitura como “via de acesso a mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética”, para que os alunos sejam “capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Entretanto, algumas vezes, em uma mesma matéria, a revista apresenta concepções de leitura bastante próximas ao que os PCNs propõem, como a importância do contato da criança com a literatura antes de aprender a ler e a discussão do texto após a sua leitura, como pode ser visto nas edições 234 e 243.

Enquanto periódico educacional, a Revista *Nova Escola* estabelece com o leitor-professor um contrato de comunicação que se assemelha ao contrato midiático, ao selecionar visadas de informação e incitação; e dele se distancia, quando seleciona visadas de prescrição e instrução. Nessa situação de comunicação, a revista assume uma posição de superioridade em relação ao professor, uma vez que se apresenta como fonte de formação pedagógica para atuação docente no que diz respeito ao ensino de leitura.

Para constituir o *corpus* dessa breve análise, decidiu-se elencar edições da revista que compreendem os anos 2010, 2011 e 2012, a fim de que uma análise de ordem qualitativa permitisse uma amostragem recente das concepções de leitura presentes na Revista *Nova Escola*.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com base em Charaudeau (2005), pode-se afirmar que a situação de comunicação em que se encontram a Revista *Nova Escola* e seus leitores é a de monolocalização. Isso quer dizer que, enquanto parceiros de troca linguageira, a revista e seus leitores estão ligados por um contrato de troca postergada, uma vez que não se fazem presentes no ato de comunicação. Charaudeau (2010, p. 72) destaca que “como em todo ato de comunicação, a comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção”. Sendo assim, a instância de produção comportará dois sujeitos: o eu comunicante (EUc.), organizador do conjunto de produção (num lugar externo); e o eu enunciador (EUe.), organizador da enunciação discursiva da informação (num plano interno). Por outro lado, na instância de recepção há um tu interpretante (TUi.), o receptor-público (num ponto de vista externo); e um tu destinatário (TUd.), o destinatário-alvo (no nível interno).

Ainda segundo Charaudeau (op. cit.), fala-se em instâncias por se referir à entidade composta de muitos atores e denomina-se *instância midiática* a instância global de produção, que inclui desde os diretores de um determinado organismo aos seus jornalistas, já que todos contribuem como coenunciadores para que a enunciação seja aparentemente homogênea, embora o jornalista seja considerado a figura mais importante dentre todas. Para Charaudeau (2010, p.74), é difícil encontrar o responsável pela enunciação da informação, mesmo quando um jornalista assina uma matéria, já que os efeitos que a instância midiática de produção pode causar sob o projeto de fala do EUe são muitos.

A instância de recepção também é uma entidade que se desdobra em sujeitos. De acordo com Charaudeau (2010), o TUD, ou o destinatário-alvo pode ser abordado de duas maneiras: como alvo intelectual ou como alvo afetivo. O alvo intelectual é aquele capaz de avaliar seu interesse de acordo com o que lhe é proposto e de atribuir credibilidade à instância midiática que se propõe a transmitir-lhe a informação. Já o alvo afetivo é considerado aquele que constrói avaliações por meio de reações de ordem emocional e de modo inconsciente.

Charaudeau (2005), ao descrever as restrições discursivas do contrato de comunicação midiático, afirma que as visadas de informação e incitação são as que o caracterizam. Por isso, a instância midiática lança mão dos modos enuncivos descritivos e narrativos para transformar acontecimento em notícia, ora de forma objetiva, para adquirir credibilidade, ora dramatizante, como estratégia de captação.

Ainda segundo Charaudeau (*op. cit.*), as instâncias midiáticas vivem numa tensão constante quanto à captação. Quanto mais instâncias tendem para a credibilidade, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos alcançam o grande público; por outro lado, quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, são cada vez menos críveis.

Enquanto instância de produção, a Revista *Nova Escola* seleciona proeminentemente, quatro visadas combinadas em pares. Ora articula a visada de informação à de incitação, semelhante ao contrato midiático, para fazer o leitor crer na sua versão de fatos e que isso é importante para ele; ora a de prescrição e instrução, para ditar-lhe o que deverá fazer.

Como instância produtora, semelhante ao que ocorre no contrato de comunicação, não há como definir os sujeitos responsáveis por assumir as posições de comunicante e de enunciador. *Nova Escola* ocupa as duas posições, pois como afirma Ramos (2009), os próprios leitores atribuem à revista a autoria das reportagens, embora haja um jornalista que assine as matérias. Apesar disso, não se pode deixar de destacar que a Revista *Nova Escola* é escrita por jornalistas e não por professores, diferentemente de outras revistas educacionais (FRADE, 2011).

Quanto à identidade da instância de recepção, segundo Ramos (2009), a Revista *Nova Escola* visa um público-receptor composto por professores do Ensino Fundamental, das redes públicas e particulares de ensino, além de diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia ou de cursos de licenciaturas. Contudo, o destinatário-alvo acaba sendo o leitor-médio, identificado como aquele professor que se considera atrasado, com déficit de conhecimento, de formação e de atualização, incapaz de compreender o currículo escolar e o que se espera dele enquanto profissional, mas competente o suficiente para compreender o que está sendo veiculado através da revista. Pode-se dizer que a identidade do destinatário-alvo da Revista *Nova Escola* influencia a sua materialidade, uma vez que para corresponder às necessidades desse público, a revista tem de fazer uso de estratégias que toquem a sua afetividade.

A edição nº 234 da Revista *Nova Escola* trouxe uma série de reportagens sobre leitura, que se intitulou “Literatura, muito prazer”. Uma característica notável nessa edição é a interpelação da revista ao professor. Considerando o público-receptor da revista – professores do Ensino Fundamental, diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia –, o enunciado escolhido para apresentação da reportagem sugere certa desqualificação em relação ao próprio campo de saber desses profissionais. Essa sugestão torna-se explícita no texto que segue abaixo do título:

- “A escola é um ambiente privilegiado para garantir muito contato com os livros. Conheça, passo a passo, os caminhos para ir além dos resumos e questionários de leitura e incentivar na garotada o gosto pelas obras literárias – mesmo que você não tenha familiaridade com esse tipo de texto”.

A informalidade expressa pelo pronome *você* sugere proximidade e simetria entre o EUc. e o TUD., o comportamento alocutivo expresso na forma verbal imperativa comprova a autoridade da revista enquanto EUc., além de revelar que é detentora de um conhecimento que o seu destinatário não possui, portanto, de forma prescritiva, a revista transmitirá ao TUD., ou seja, ao professor, o conhecimento que ele deve ter.

No tocante ao trabalho com o ato de ler, de acordo com a edição 234, para se aprender a gostar de ler é preciso intensificar a quantidade de leitura:

- “Para começar, é preciso compreender que, antes de analisar e refletir sobre os aspectos formais da literatura (história, linguagem etc.), os estudantes têm de gostar de ler. E isso só se faz de uma maneira: lendo, lendo, lendo”.

Essa asserção é conflitante com as concepções de leitura apresentadas neste trabalho. Além disso, a revista não apresenta fundamentação teórica para afirmar que ler de maneira aleatória e forçosamente, como parece sugerir, desenvolva o gosto pela leitura. Essa concepção remete a um ditado popular, muito estimado pelo senso comum para modificar um comportamento insatisfatório: *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*. Considerar que o gosto pela leitura emerge da quantidade de livros lidos conduz a outra concepção bastante difundida, resgatada pela revista nessa mesma edição: a de que leitura deve se tornar um hábito. Na reportagem “Literatura do 6º ao 9º ano: ensine a teoria sem deixar de lado as práticas de leitura”, essa ideia é repetida, pelo menos, três vezes.

Nas edições dos anos seguintes – 2011 e 2012 –, a concepção de leitura como hábito ainda pode ser verificada:

- “O que faz da poesia de cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são características que costumam encantar as crianças...”
- “Transformar a leitura em um hábito regular requer bem mais do que infraestrutura”.

Para Silva (1992), as palavras “estimular” e “hábito” indicam uma abordagem mecanicista de leitura, na qual o ato de ler passa a ser um comportamento adquirido pela repetição e se torna involuntário ou automático, eliminando as possibilidades de reflexão e transformação advindas da leitura”.

A edição 234 da revista também aponta para a concepção de leitura como hobby – palavra de origem inglesa, que em português, segundo Ferreira (2010, p. 401), adquiriu o seguinte significado: “atividade de recreio ou de descanso, praticada, ger., em horas de lazer”:

- “O ideal é que a rotina diária inclua momentos de leitura em aula e que os alunos sejam incentivados a levar exemplares para ler em casa – por hobby mesmo, sem que isso vire uma tarefa obrigatória”.

Soares (1999, p.22) categoriza três tipos fundamentais de leitura, a saber: leitura funcional, leitura de entretenimento e leitura literária. Apesar de destinar à leitura de entretenimento a representação do lazer, “aquela que se faz em busca do prazer, que traz satisfação emocional e identificações, ampliação do horizonte pessoal para outros mundos e outros seres humanos”, a autora não exclui a possibilidade de que os outros modos de ler também causem o efeito de prazer. Contudo, considerar a leitura um hobby é reduzir o efeito de prazer causado pelo ato de ler à leitura que se realize em horas de lazer.

Apesar de a revista tratar do ensino de leitura por meio de concepções conflitantes com as dos PCNs e dos estudos mais recentes, pode-se observar que ao mesmo tempo comporta abordagens que se assemelham a esse perfil, como pode ser observado, respectivamente, nas edições 234 e 243:

- “Mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a literatura. Ao ver um adulto lendo, ao ouvir uma história contada por ele, ao observar as rimas (num poema ou numa música), os pequenos começam a se interessar pelo mundo das palavras”.
- “Depois de ler, o que discutir com as crianças? Regionalismos, metáforas e palavras que fogem da grafia-padrão, por exemplo. Fatos históricos e aspectos culturais referentes à narrativa também devem ser abordados. Se você intercalar a leitura de cordéis com a de outros gêneros literários, discuta as diferenças entre eles”.

CONCLUSÕES

O contrato de comunicação que a Revista *Nova Escola* instaura com o seu público-receptor (profissionais e estudantes de Educação) é caracterizado pela posição de superioridade em que a revista se coloca – aspecto próprio daquele que ocupa a posição de EUc. no contrato midiático –, sobrepondo-se à posição do professor.

Nova Escola se apresenta como um periódico educacional, entretanto, sua diagramação e linguagem, assim como a possibilidade de aquisição em bancas de jornal a assemelham mais aos produtos midiáticos, que também possuem essas características. Além disso, *Nova Escola* é redigida por jornalistas, enquanto outros periódicos educacionais são escritos por professores ou profissionais da área, por isso a revista tem de recorrer frequentemente a citações de autoridades da área, a fim de adquirir credibilidade diante do público-receptor.

As concepções de leitura elucidadas nas quatro edições da revista analisadas podem ser conceituadas como híbridas: ora a revista trata da leitura como hábito e hobby, ora assume uma postura mais próxima ao que os PCNs de Língua Portuguesa propõem.

A indefinição da posição da revista quanto ao ensino de leitura causa confusão para os professores que compõem o seu público-alvo, uma vez que estão sujeitos a adquirir conceitos conflitantes de leitura. Segundo Frade (2011, p.119), “nas revistas de Educação, mesmo que pareça implícito o compromisso com a verdade, é esperada uma tomada de posição”.

A leitura concebida como hábito anula todas as possibilidades de reflexão e transformação que o ato de ler pode oferecer. O mesmo ocorre quando concebida como hobby, passando a ser categorizada como mais uma atividade de lazer, reduzindo a potencialidade de seus efeitos enquanto prática social, veículo de acesso e de construção de conhecimento.

Portanto, a abordagem de concepções divergentes de leitura que a Revista *Nova Escola* propaga, a organização editorial de sua criação e circulação servem a fins eminentemente mercadológicos, e não pedagógicos. Dessa forma, pode-se concluir que a Revista *Nova Escola* não deve ser considerada uma fonte de pesquisa, atualização e aprimoramento do professor, uma vez que o periódico não reúne elementos suficientemente fundamentados que o permita cumprir a função para qual se destina.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVASSI, Sigrid (orgs.). **Da Língua ao Discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Discurso das Mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FRADE, Isabel Cristina A. da S. Revistas pedagógicas: Qual é a identidade do impresso? In: BATISTA, Antônio Augusto G. & GALVÃO, Ana Maria de O. (orgs). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 105 -126
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1997.
- NÓVOA, A. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e recepção do repertório português. In CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.) **Educação em Revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.
- RAMOS, M. E. T. **O ensino de história na revista *Nova Escola* (1986 – 2002): cultura midiática, currículo e ação docente**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_ramos.pdf> Acesso em: 03/01/2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 6ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVEIRA, F. R. **Um estudo das capas da revista Nova Escola**: 1986-2004. Campinas, 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vls000380842>>. Acesso em: 03/01/2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CORPUS

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer! *Nova Escola*, São Paulo, n. 234, ago., 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-muito-prazer-584195.shtml>>. Acesso em 03/01/2014.

CALHADO, Cyntia. Ler por prazer no ritmo do cordel. *Nova Escola*, São Paulo, n. 243, jun./jul., 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/ler-prazer-ritmo-cordel-636143.shtml>>. Acesso em:03/01/2014.

FERNANDES, Elisângela. Bibliotecas escolares: livros tão, tão distantes das mãos dos alunos. *Nova Escola*, São Paulo, n. 252, maio, 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/bibliotecas-escolares-livros-tao-tao-distantes-maos-alunos-687661.shtml>>. Acesso em: 03/01/2014.